

Antônio Furtado – Cem Anos Depois

FERNANDO CÂMARA

Em 28 de outubro de 1972, ao iniciar uma série de artigos publicados no jornal O Povo evocando a figura do nosso ilustre parente, Dr. Antônio Furtado Bezerra de Meneses, o saudoso consócio Professor João Batista Saraiva Leão fez o seguinte pronunciamento:

“Não me atrevera a tanto, a falar de Antônio Furtado, o fulgurante talento de uma geração, quiçá a maior cabeça que já houve na família, “uma das maiores expressões intelectuais de todos os tempos”, como disse Dolor Barreira, sem lhe dever favor, não me atrevera a tanto, se não fora a falta absoluta de quem quisesse ocupar-se dele com maior eficiência, com mais inteligência, com mais argúcia, pesquisando-lhe os meandros todos de sua cultura onímota”.

Não podia deixar, porém, passados trinta e três anos de seu desaparecimento, no esquecimento dos intelectuais da terra; no apagamento do seu nome das Antologias que se tem organizado, ele que deveria figurar nas suas primeiras páginas como poeta parnasiano e lírico dos melhores, e como prosador dos mais lídimos e escoreitos, não podia deixar passar mais tempo sem mostrá-lo à geração presente que, embora, descuidada dos tratos da língua, poderia empolgar-se pelo mais robusto talento da minha geração”.

Se o saudoso mestre Professor João Batista Saraiva Leão, uma das glórias de nossa família e um dos mais respeitados nomes do mundo cultural cearense, com a sua reconhecida modéstia, diria não ser a pessoa certa para evocar a personalidade marcante de Antônio Furtado Bezerra de Meneses, quando dos trinta e três anos de seu falecimento, que direi eu, um dos mais obscuros membros desta casa, para falar em sua monumental figura, homenageando-o agora, pelo centenário de seu nascimento a decorrer no próximo dia 14 de junho?

Direi apenas que aceitei o honroso convite de nosso Sodalício para que tão importante efeméride não fosse olvidada e aqui ficasse registrada para conhecimento de nossa posteridade.

◇ ◇ ◇

Conheci Antônio Furtado na minha infância, em Quixeramobim, nosso torrão natal, onde nasceu no dia 14 de junho de 1893, sendo primogênito do casal Antônio Furtado de Mendonça e Meneses (tio Furtadinho) e Matilde Alice Bezerra Furtado, esta, irmã do meu avô materno José Bougival Saraiva Leão.

Estudou humanidades no colégio de Canindé dirigido pelos Capuchinhos e ali se distinguiu pelo apego aos livros, até mesmo nas horas de recreio ou lazer.

Falecendo o seu pai em 1903 a família veio radicar-se em Baturité, onde morava o seu avô materno Dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco, antigo Juiz de Direito da comarca.

Antônio Furtado fundou uma escola naquela cidade para os jovens da terra figurando como um de seus discípulos o primo João Batista Saraiva Leão, nosso inesquecível consócio, e sem dúvida alguma, até hoje o seu maior biógrafo.

Em 1909, quando ocorreu a trágica morte de Euclides da Cunha, escreveu para o jornal do farmacêutico Joaquim Matos um artigo evocando a personalidade do autor de *Os Sertões*, trabalho este que chamou a atenção dos homens de letras de Baturité, pelo estilo, linguagem e conceitos emitidos sobre o grande escritor brasileiro.

Mais tarde, tentando um lugar ao sol, mudou-se para Fortaleza iniciando-se como professor no colégio do grande educador Joaquim Nogueira e freqüentando também o curso de Ciências e Línguas dirigido por Soriano de Albuquerque, Antônio Augusto de Vasconcelos e Antônio Arruda.

Mediante concurso foi nomeado funcionário do Departamento dos Correios e Telégrafos e ingressando na Faculdade de Direito, da qual seria mais tarde professor de Direito Processual Civil, veio a se bacharelar na turma de 1916.

Com o diploma na mão e o anel no dedo, Antônio Furtado fez concurso para Promotor de Justiça, saindo sua nomeação para Santarém, no Estado do Pará, onde conheceria sua futura esposa, Maria América Riker Furtado, descendente de americanos que se fixaram na Amazônia quando perderam a guerra da Secessão.

Transferido para o Acre, foi sucessivamente Juiz Substituto, Juiz Seccional e Juiz Federal, sendo as suas sentenças elogiadas pelo Supremo Tribunal Federal pelo muito que encerravam de grande saber jurídico.

A febre amarela obrigou o jovem magistrado a retornar ao Ceará cabendo ao seu irmão, Vasco Furtado, apanhá-lo enfermo no Alto Acre e trazê-lo para nossa terra natal, onde veio convalescer na fazenda Rocambole, a convite de outro irmão, José Bezerra Furtado.

Na literatura destacou-se como poeta e prosador. Seus versos eram verdadeiras obras de arte, dizia o inesquecível Dolor Barreira.

Saiam-lhe da pena como o diamante das mãos do lapidário: polidos e repolidos.

Prosador, estilista emérito das admiráveis páginas de *O Judas*, *Idéia Fixa*, *Padre Estevão*, *Os Jagunços*, *Eva*, *Poemas da Tarde do Meu Dia*, e o ensaio biográfico “Antônio Bezerra e a Abolição”, além de outros divulgados na imprensa cearense.

Em Direito, merecem destaque: *Ensaio de Filosofia e Direito*, *A Família e o Casamento* e numerosos trabalhos de Direito Processual, Direito Civil, Direito Romano e Filosofia de Direito.

Antônio Furtado era sobretudo dotado de uma inteligência privilegiada e possuidor de um extraordinário talento verbal.

Otávio Lobo, seu grande amigo, foi quem melhor retratou em poucas palavras o perfil psicossomático de nosso homenageado:

“Quem o visse naquele andar tumultuário, de olhar impreciso, sobraçando grande pasta, no desalinho da indumentária que nunca se lhe ajustava, falando aos gritos e gesticulando aos solavancos, tinha a impressão de um redemoinho vivo”.

E acrescenta depois o saudoso consócio Professor João Batista Saraiva Leão, nosso primo comum:

“Nele tudo era desmedido: inteligência, imaginação, cultura. O elogio, o afeto, o ataque”.

Sob o pseudônimo de Gayo Pisão escreveu uma série de artigos que apelidava de esmulambação. Eram verrinas causticantes cheias de humor e sarcasmo.

Em 1921, depois de retornar do Acre, Antônio Furtado fez concurso para a cátedra de Direito Processual Civil, na Faculdade de Direito do Ceará, obtendo o 1º lugar, notabilizando-se depois pelas suas magistrais aulas preñhes de cultura e versadas em linguagem lapidar.

Exerceu também com muito brilhantismo a advocacia, pugnando sempre em favor das garantias individuais, sobretudo a liberdade humana, e por duas vezes impetrou *habeas-corpus* em favor da escritora Rachel de Queirós.

Militou na imprensa cearense, escrevendo em seus principais jornais e chegou a manter polêmicas com Demócrito Rocha, Matos Ibiapina e Gomes de Matos.

Membro de uma família tradicionalmente católica e educado pelos seus pais dentro dos princípios cristãos, ele perdeu a fé em sua

mocidade e imitando Eça de Queiros, chegou até mesmo a escrever contra a religião.

Mais tarde, porém, voltou à prática religiosa com grande fervor e convicção, a ponto de haver declarado textualmente num depoimento policial o seguinte:

“ser o depoente católico integral, confessante e comungante, que reza cotidianamente o seu terço em família, sem temor ou respeito humano”.

Comentava-se na intimidade de nossa família que ele tivera a aparição de um tio de quem ele muito gostava e morrera preocupado com a salvação do sobrinho. O tio teria dito na ocasião: “Antônio, há inferno!”.

Da primeira união conjugal de Antônio Furtado, com Maria América Riker Furtado (Mariinha), nasceram cinco filhos: Darling, já falecida; Camilo, bacharel em Direito e funcionário aposentado da Receita Federal; Ivo, falecido; Teolinda, funcionária aposentada e residente em nossa Capital; e José Davi, bancário e radicado em João Pessoa, Paraíba.

Sua filha Darling, de saudosa memória, numa página bem carinhosa, fez um retrato perfeito de seu pai:

“Em sua escala de valores a vaidade não tinha lugar. Sua cabeleira esvoaçava ao vento; a roupa, às vezes, beirava o desalinho.

Ninguém lhe cobrava apuro ou elegância, pois era um intelectual, um gênio”.

Em uma tarde de muito calor, com a roupa molhada de suor, o cabelo revoltado, carregando pesada pasta e uma bengala, Antônio Furtado entrou no vestibulo do salão do Palácio da Luz, onde o então Presidente do Estado, José Carlos de Matos Peixoto, dava expediente.

Teria entrado direto se o Oficial de Gabinete, um jovem simpático e elegantemente vestido, não o detivesse dizendo:

“Dr. Furtado, o Sr. não pode entrar no Gabinete do Presidente Matos Peixoto nesse estado”.

Antônio Furtado ficou embaraçado e um tanto perplexo. Passou a mão pela roupa, procurando alisar os bolsos e as lapelas, enquanto o jovem funcionário lhe oferecia um pente.

Neste momento abre-se a porta e aparece a primeira dama. D. Violeta de Matos Peixoto, que exclama:

“Dr. Furtado, que é que o Sr. anda fazendo aqui? Por que não entra?”

“Bem, respondeu ele, o oficial de gabinete achou que eu estava desarrumado”.

“Que é isso, Dr. Furtado! O Sr. é nosso amigo, e um grande intelectual, essas coisas não têm importância”.

D. Violeta abraçou Antônio Furtado e o conduziu para o gabinete de seu esposo, Presidente Matos Peixoto.

Antes de entrar, Antônio Furtado encarou o zeloso funcionário e disse:

“Está vendo, Fulano?”, e concluiu dizendo: “aprenda a ser homem com esta mulher”.

Em outra oportunidade, no governo do Interventor Meneses Pimentel, de quem era amigo e compadre, uma pobre mulher o procurou pedindo um emprego.

Ele na mesma ocasião dirigiu-se ao Interventor expondo o problema e deste recebendo a promessa de atender seu pedido.

Decorreram vários meses e nada do emprego sair; Antônio Furtado depois de muito esperar não se conteve e dirigiu-se ao Palácio da Luz e ao avistar o Interventor Federal foi logo dizendo:

“Pimentel, você me desculpe, mas eu pensei que você tivesse mais prestígio nesse governo do José Martins Rodrigues...”.

No dia 4 de julho de 1937, vítima de uma intervenção cirúrgica mal sucedida, faleceu sua esposa Maria América, deixando na orfanidade cinco filhos menores, sendo o caçula um bebê de onze meses.

A viuvez de Antônio Furtado foi rápida. Não era de seu temperamento ficar sozinho.

A solução encontrada pelo saudoso parente para resolver tão dolorosa situação foi arranjar logo um segundo casamento e assim pensando entrou logo em ação visando realizar este objetivo.

A primeira providência tomada foi examinar a grande quantidade de cartas e telegramas recebidos, quando da morte de Mariinha, para verificar se entre os seus remetentes havia alguma pessoa que pudesse desposar.

Entre a correspondência, ele encontrou uma carta muito solidária da prima Maria Rosalba Saraiva Bezerra, viúva do empresário Solon Bezerra e filha única do casal José Galdino (Juca Galdino) e Maria do Rosário Andrade Saraiva, antigos proprietários da fazenda Jericó, em Quixeramobim.

Disse-me a sua filha Darling que seu pai ao ler esta carta havia exclamado na oportunidade: "Ah, a Rosalba, uma boa opção!".

A filha não entendeu o significado desta observação mas dias depois Antônio Furtado escrevia uma longa correspondência à parenta que residia em Missão Velha, expondo sua dramática situação e manifestando o desejo de tê-la como esposa.

Rosalba, que jamais esquecerá o finado esposo, de quem cultuava a memória, após receber a proposta, tratou logo de respondê-la.

Começou a carta lamentando a angustiante situação do parente diante de uma viuvez inesperada com filhos ainda crianças, carentes de uma assistência maternal.

Quanto à proposta de casamento, infelizmente nada poderia fazer, pois, quando o inesquecível esposo Solon falecera, antes de ser sepultado, ela abrira o caixão e ali depositara seu coração. Assim, para ela não existia mais amor, porque só ama quem tem coração e ela há muitos anos não o possuía.

Desenganado com esta resposta, Antônio Furtado procurou outra alternativa e esta veio aparecer, quando, em certo domingo, almoçava na residência de um seu colega de magistério.

Lá, expondo a sua situação, ouviu palavras animadoras da esposa do catedrático que prometeu solucionar o angustioso problema. Convidou-o, então, a retornar no domingo vindouro para um novo almoço, oportunidade em que conheceria a futura esposa.

Antônio Furtado criou alma nova e no dia convencionado, lá estava novamente na casa do colega, onde veio a conhecer Abigail Amorim, com quem se casaria dentro de poucos dias. Deste segundo enlace-matrimonial não houve descendência.

Ele veio a falecer no dia 20 de agosto de 1939, vítima de um espasmo cerebral, no balneário Pirapora, em Maranguape, onde encontrava-se com vários amigos passando o fim de semana.

O seu sepultamento ocorrido nesta Capital foi uma verdadeira consagração póstuma: discursaram o futuro desembargador Cursino Belém, o Professor Perboyre e Silva, em nome da Faculdade de Direito, e pelo Corpo Discente, o então acadêmico Ari de Sá Cavalcanti, todos enaltecendo a figura do saudoso extinto e exaltando o seu grande talento.

De Antônio Furtado, o professor, o magistrado, o advogado, o jurista, o poeta, o escritor e o historiador, podemos dizer na decorrência de seu centenário exatamente aquilo que ele escreveu sobre Antônio Bezerra, o grande abolicionista e nosso conterrâneo de Quixeramobim:

“Inteiramente voltado ao bem e ao amor de sua terra, morreu pobre, honradamente, patrioticamente pobre. Foi, inquestionavelmente, um dos homens de letras que mais amaram e honraram o Ceará”.

(Efeméride pronunciada na reunião do Instituto do Ceará realizada no dia 07 de junho de 1993 na homenagem prestada a Antônio Furtado).